

O FUNCIONÁRIO PÚBLICO NAS OBRAS DE CYRO DOS ANJOS E LIMA BARRETO

Elisa Hickmann NICKEL¹

RESUMO: O artigo discute o tema do funcionário público nas obras de Lima Barreto (1881 – 1922) e Cyro dos Anjos (1906 – 1994), analisando em que medida as relações entre seus personagens-funcionários e deles com o mundo que os rodeia estavam em conformidade com o tipo ideal burocrático weberiano - caracterizado pela impessoalidade, racionalidade e universalismo de procedimentos. Busca também avaliar de que forma este tema se coloca na totalidade da obra de Lima Barreto, e como o estudo dele pode ajudar na compreensão dessa totalidade. Por fim, faz uma breve análise da relação entre Belmiro, protagonista de *O Amanuense Belmiro*, e o pensamento conservador do período, buscando mostrar a importância da profissão do protagonista para a compreensão do romance.

Palavras-chave: Cyro dos Anjos, Lima Barreto, funcionário público.

ABSTRACT: The following article analyses the theme of the public servant in the literary works of Lima Barreto (1881 – 1922) and Cyro dos Anjos (1906 – 1994). It examines to what extent the relation of their public employees characters with the other servants, as well as with the world around them, were in line with the Weberian bureaucratic pure type. The main characteristics of this bureaucratic type are impersonality, rationality and universalism of procedures. It also seeks to comprehend how this public employee issue can be understood facing the totality of Lima Barreto's work, and how its study may assist in perceiving this totality. Finally, the article briefly analyses the relation between Belmiro, *O amanuense Belmiro's* main character, and the conservative thinking of the period, attempting to show the importance of the protagonist's profession to the comprehension of the novel.

Keywords: Cyro dos Anjos, Lima Barreto, public employee.

A pesquisa de mestrado provisoriamente intitulada *Cyro dos Anjos, Lima Barreto e a representação do funcionário público na literatura brasileira* se encontra em fase final. O projeto inicial tinha como objetivo uma análise comparativa entre a obra desses dois autores, a partir da figura do funcionário público. Quem são os funcionários criados por Cyro e por Lima? Como eles se comportam em seu trabalho? Em que medida eles agem em conformidade com as idéias weberianas do tipo ideal burocrático? E até que ponto o mundo em que eles vivem, tanto no que se refere ao romance como à época em que os livros foram escritos, seguia tais princípios? São essas algumas das perguntas a que o projeto pretendia responder.

¹ Aluna de mestrado em Teoria e História Literária no IEL – UNICAMP orientada pelo professor doutor Francisco Foot Hardman. Pesquisa realizada com financiamento do CNPQ.

Ao definir o tipo ideal burocrático, Max Weber (1944, págs. 173 e 174) afirma que o funcionário submetido a esse tipo de poder deve estar sujeito a uma rigorosa e sistemática disciplina e controle no desempenho do cargo. O governante será obedecido não enquanto pessoa, mas sim enquanto líder legitimado por essa mesma ordem impessoal. Os funcionários a serviço desse quadro administrativo não devem ser proprietários dos meios materiais de administração e produção. E, por fim, normalmente só toma parte no quadro aquele que prova possuir uma formação e uma qualificação profissional para o cargo em questão. Já no projeto constatava-se uma grande distância entre estes ideais de impessoalidade e meritocracia, já desde meados do século XIX adotados formalmente pelo Estado brasileiro, e os funcionários públicos de Lima Barreto e de Cyro dos Anjos. Tampouco o funcionário público real do Brasil de fins do século XIX e da primeira metade do XX se aproximava do ideal de Weber. Constata-se, pelo contrário, uma predominância do patrimonialismo e das relações de favor na obtenção (e também no dia-a-dia) dos cargos públicos, tanto nos romances e crônicas como fora deles.

Embora as respostas às perguntas que o projeto colocava ainda sejam bastante semelhantes, novas questões surgiram. A mais importante delas busca entender como a temática do funcionário público está inserida na totalidade da obra dos dois autores. Ou, mais especificamente: compreender de que maneira este tema chegou a ser discutido por Lima Barreto, e, no sentido contrário, como ele está presente no contexto geral da obra de Cyro dos Anjos, particularmente em *O Amanuense Belmiro* e um pouco também em *A Menina do Sobrado*, autobiografia do autor que é, para os efeitos da pesquisa, tratada como ficção. É esse o principal ponto que se pretende discutir neste texto; além dele, deve ser analisada também a relação de Belmiro com seu amigo Silviano no romance de Cyro dos Anjos.

Vejamos Lima Barreto primeiro. Um dos pontos principais de divergência entre os dois autores diz respeito à oposição básica entre voltar-se para si e voltar-se para o mundo. O conceito lukácsiano de romantismo da desilusão, aplicado muito apropriadamente por João Luiz Lafeté a Belmiro, trata do herói romanescos que evita conflitos e lutas externos, e para quem

a elevação da interioridade a um mundo totalmente independente não é um mero fato psicológico, mas um juízo de valor decisivo sobre a realidade (...) O problema estético (...) concentra-se (...) em torno do problema ético básico, da questão da ação necessária e possível. O tipo humano dessa estrutura anímica é em sua essência mais contemplativo que ativo (Lukács, 2000, págs. 119, 121 e 122)

Embora Lukács estivesse se referindo a personagens de ficção, é um trecho oportuno para iniciar uma análise do projeto literário de Lima Barreto, que não podia ser mais oposto a isso e pode ajudar na compreensão de sua visão da burocracia brasileira. Ele se afirma literato militante, e define essa condição ao falar sobre Eça de Queirós:

Ele mostrou que desde muito as letras francesas se ocuparam com o debate das questões da época, enquanto as portuguesas limitavam-se às preocupações da forma, dos casos sentimentais e amorosos e da idealização da natureza. Aquelas eram – militantes; enquanto estas eram contemplativas e de paixão. (Lima Barreto, 1961, pág. 73)

O próprio Lima Barreto, portanto, define sua literatura como militante em oposição a outra, contemplativa. É importante ressaltar, entretanto, que a “ação necessária” para ele estava ligada à discussão de questões da época, e não à adesão a doutrinas, como ele mesmo afirma:

não obedeço a teorias de higiene mental, social, moral, estética, de espécie alguma. O que tenho são implicâncias parvas, e é só isso. Implico com três ou quatro sujeitos das letras, com a câmara, com os diplomatas, com Botafogo e Petrópolis; e não é em nome de teoria alguma, porque não sou republicano, não sou socialista, não sou anarquista, não sou nada: tenho implicâncias. (...) Eu não amo nem à Pátria, nem à Família, e muito menos à Humanidade. (Lima Barreto, 1961, págs. 277 e 278)

Por outro lado, acreditava que a literatura tinha uma missão, que era

fazer comunicar umas almas com as outras, (...) dar-lhes um mais perfeito entendimento entre elas, (...) ligá-las mais fortemente, reforçando desse modo a solidariedade humana, tornando os homens mais capazes para a conquista do planeta e se entenderem melhor, no único intuito de sua felicidade. (Lima Barreto, 1961, pág. 190)

Essas duas dimensões, a de uma literatura militante e cuja missão era aproximar os homens, são cruciais na obra de Lima Barreto. Ligada a elas está uma concepção sempre presente da igualdade entre todos os homens, o que gera uma revolta maior em situações de discriminação ou privilégio, portanto mais motivos para afirmar a necessidade da militância da literatura e para usá-la como canal de denúncia, e assim sucessivamente. Elas estão presentes também na discussão sobre o funcionário público, que surge na maioria das vezes como crítica ao favoritismo, às relações de favor, ao personalismo, ao nepotismo e à utilização do patrimônio público para fins privados – na linha da militância à la Lima Barreto.

Há também a vertente que sinaliza uma distância entre as preocupações do governo e os problemas da sociedade da época para as classes mais baixas, bem como os casos de burocratas indiferentes a problemas humanos ou preocupados com questões pouco práticas.

Ter consciência dessas duas dimensões e da relação existente entre elas contribui para ampliar a compreensão da obra de Lima Barreto, conferindo lógica ao caleidoscópio que ela é pela variedade de temas que apresenta. Além disso, insere a questão da burocracia na totalidade de sua obra, como um entre outros temas cuja origem, enquanto tema discutido por esse autor, está no fato de constituir exercício de poder e de discriminação e separação entre os homens, e que por isso como que demanda sua militância, seu depoimento e sua indignação, que se revela no exagero, na ironia e no sarcasmo. O funcionalismo público surge, nesse contexto, ao lado de outros temas fundamentais na obra do escritor, como os preconceitos contra negros e mulheres, as reformas da cidade do Rio, as revoltas populares, a vida dos jornais e dos literatos, e tantos outros.

No caso de Cyro dos Anjos as coisas se dão de forma bem diferente. A descrição de Lukács mencionada no início se aplica de forma exemplar ao protagonista de seu principal romance, Belmiro. Trata-se de um personagem essencialmente contemplativo, e sua interioridade se eleva a ponto de surgir para o leitor como mundo independente. Mas essa elevação, e é esse o ponto crucial, não é, ainda citando Lukács, apenas um fato psicológico; ela se torna juízo de valor decisivo sobre a realidade. O que queremos dizer com isso é que o lirismo de Belmiro, seu recolhimento de caramujo e sua opção por não agir no mundo significam sim uma tomada de posição – na direção conservadora. Aqui a questão do funcionário público pode ser considerada uma chave para se atingir essa compreensão do personagem: Belmiro obtém seu emprego de amanuense por conhecer um deputado, procura conseguir a devolução de documentos de um amigo, apreendidos pela polícia, por meio de um senador seu conhecido, e escreve versos ao invés de trabalhar na Seção do Fomento. Sua forma de agir na profissão é patrimonialista, construída com base em relações pessoais e de favor. A ausência de reflexão sobre o mundo faz com que ele aceite e obtenha vantagens pessoais através de práticas bem pouco modernas, que o governo de Getúlio Vargas se esforçou para combater.

O conservadorismo de Belmiro, porém, não se restringe à burocracia: outro exemplo interessante é o trecho seguinte, marcado pelo positivismo e pelo elitismo freqüentes nos intelectuais brasileiros das décadas de 20 e 30. O protagonista reflete sobre a revelação de seu amigo Redelvim de que ocorrerá uma tentativa dos comunistas tomarem o poder, movimento hoje conhecido por Intentona Comunista:

Fiquei melancólico e cívico, pensando que, neste país, a civilização poderia ter, certamente, um sentido mais cordial, sem os cruentos conflitos que andam pelo mundo. Talvez algumas leis, alguma compreensão... (Anjos, 1989, pág.53)

Aqui, um dos raros momentos em que ele fala sobre o mundo que o rodeia, Belmiro deseja também uma civilização mais cordial. É o mesmo que ele tenta sempre fazer com os amigos: aproximá-los, serená-los, ignorando os conflitos que surgem entre eles. Isso se mostra cada vez mais difícil no decorrer do romance, com Redelvim envolvido com o Partido Comunista e Silviano com sua tendência para o fascismo. Belmiro, entretanto, nunca se posiciona, alegando que o indivíduo não pode ser apreendido nem aprisionado em doutrinas e teorias rígidas, pois é mais do que isso. É o que ele defende no seguinte trecho, ao descobrir o envolvimento de seu amigo Redelvim com o partido comunista e a possibilidade, revelada por ele, de ocorrer uma Revolução proletária:

Pensei, depois, no Redelvim e na Jandira. Ao contrário do que acontece ao primeiro (...) os indivíduos significam demais para mim. Onde os outros vêem unidades mecânicas da massa, ou abstrações econômicas, eu vejo homens, criaturas que sentem e pensam. Vejo, por exemplo, o homem Redelvim, sensível, inteligente, cuja imolação em nome de uma quimera seria uma crueldade do destino. (Anjos, 1989, pág. 53)

É essa a atitude frequente de Belmiro ao se deparar com a convicção de Redelvim: um comentário amável sobre o indivíduo que se sobrepõe à massa, invocando, em termos que ele mesmo usará mais adiante, uma “*simpatia humana*”. Não se trata, aqui, do predomínio do privado que confere privilégio, mas do indivíduo que não pode ser apreendido nem aprisionado em doutrinas e teorias rígidas, pois é mais do que isso.

Alguns capítulos adiante, devido à sua amizade com Redelvim, a polícia resolve dar uma busca na casa de Belmiro. Quando o delegado lhe diz que terá de detê-lo enquanto essa busca é feita, o protagonista se preocupa com a reação da irmã, Emília, que mora com ele, e tenta convencer o delegado a arranjar as coisas de modo a não assustá-la:

Pondo-o a par da situação especial de minha casa, pedi arranjasse as coisas de forma que não atribulasse a velha; que, se fosse possível, destacasse, para a diligência, o investigador Parreiras, meu conhecido (...), e, ainda, que este levasse, em sua companhia, o acadêmico Glicério de Sousa Portes, meu companheiro de Seção. Assim a velha não se assustaria. (Anjos, 1989, pág. 118)

O delegado parece concordar, e a idéia das criaturas que sentem e pensam, ou, poderíamos dizer, das pessoas de carne e osso por trás do edifício do Estado, parece triunfar. Mas esta humanidade, como coloca Roberto Schwarz ao analisar o trecho, é menos genérica do que parece: ela envolve um conhecido na polícia, o apreço pelo grau de acadêmico junto com a amizade de um portador dele e a condição respeitável de funcionário público (Schwarz, 1978, págs. 18 e 19). O pedido ao delegado, portanto, além da consideração pela irmã, serve também ao propósito de informá-lo de uma condição social respeitável que contribui se não para inocentar Belmiro completamente, ao menos para tornar o processo mais rápido e fazer com que ele receba um melhor tratamento.

Voltemos agora ao capítulo 22, *Onde se apresenta um revolucionário*, em que Redelvim fala a Belmiro sobre seu envolvimento com o Partido Comunista. Como bem disse Lafetá (2004), é Silviano, o filósofo do grupo, quem elabora formalmente naquele célebre primeiro capítulo do romance os temas e as características de Belmiro, que é excessivamente lírico para fazê-lo. Mas isso não se dá apenas nesse primeiro capítulo; também aqui, no capítulo 22, embora não esteja presente, Silviano parece ser a consciência do nosso protagonista. Vejamos o que acontece. Redelvim vai visitar Belmiro para lhe pedir dinheiro emprestado e conta que se fala na possibilidade de uma revolução, para breve. Até aí, ele não sabe que Redelvim está envolvido, e responde da seguinte forma:

Respondi-lhe que isso não era motivo para aflições. Revoluções sempre as houve e haverá. Silviano acha, mesmo, que revoluções ou guerras são reajustamentos, operações da economia da espécie. Quando há, por exemplo, superpopulação, vem uma guerra para destruir o excesso de indivíduos que perturba o equilíbrio social. (Anjos, 1989, pág. 52)

Como se não bastasse o fato de as palavras estarem em sua boca, a tranqüilidade de Belmiro ao dizer isso revela sua filiação ao pensamento conservador e a contradição presente nas afirmações anteriores. Vale dizer ainda que o fato de Silviano constituir uma espécie de consciência de Belmiro, que está sempre a revelá-lo para o leitor, é também um sinal disso, já que o filósofo do grupo tem tendências reacionárias e fascistas. Desaparece, nesse trecho, a idéia de simpatia humana ou de uma real preocupação com os males do mundo. Elas ressurgem, porém, logo a seguir, quando a conversa prossegue e o amigo lhe conta que, por ocasião do fechamento da sede do Partido, a polícia recolhera a relação de todos os seus membros, na qual constava o nome dele, Redelvim:

Supus, por um instante, que houvesse receios no espírito do amigo e perguntei-lhe acerca do que lhe poderia acontecer, se começasse a haver prisões.

Respondeu-me, asperamente, que sua situação pessoal não interessava e que um pequeno burguês, como eu, só cuidava da própria pele. (Anjos, 1989, pág. 52)

Na mudança de atitude de Belmiro fica clara a espécie de simpatia humana dele: ela se volta apenas para si mesmo e para os que lhe são próximos, família, amigos e conhecidos. O discurso do indivíduo que se sobrepõe à massa e que não se encaixa em abstrações econômicas adquire com isso um novo sentido: ele legitima o apreço do protagonista por algumas pessoas em detrimento de outras e confere ao amanuense uma feição amável, preservando sua imagem e a si mesmo de conflitos.

Voltando, para concluir, a Lukács, podemos dizer que não agir é uma escolha de Belmiro, por menos consciente que seja ela. O fato psicológico resulta em uma ação na realidade, ainda que ela seja uma omissão. Não é possível parar no tempo, nem nos resguardar de nosso próprio tempo; ele nos atinge queiramos ou não, e tudo que nos resta é escolher como reagir aos acontecimentos. O isolamento olímpico que Belmiro tenta obter ao fim do romance implica submergir no momento em que vive, deixando a busca pelo passado que propusera no início do romance pelo cotidiano mais banal, que não pede maiores reflexões. Ao fim do livro, seu círculo de relações se estreita: ele quase não tem mais contato com Redelvim, Jandira e Silviano, e se volta para personagens como Florêncio, que ele próprio define como um “*homem sem história*”, ou como “*homem sem abismos*”. Essa análise de Belmiro é de Luís Bueno de Camargo, que continua:

Acompanhar tão de perto essa transformação no presente é, paradoxalmente, a única maneira de fugir desse mesmo presente. Quando se olha para um tempo mais recuado, as transformações são tão evidentes que só deixam a certeza de que tudo mudou, de que o passado é irrecuperável. No entanto, como essa desagregação do tempo é “infinitesimal”, quem se dedica a viver minuciosamente o cotidiano mais banal não a pode perceber com clareza. Mergulhar dessa maneira no presente é a maneira pela qual fica possível eliminar seu caráter vário, é transformá-lo em algo fixo, exatamente como ocorre com o passado. (Camargo, 2001, págs. 731 e 732)

Essa operação alude, mais uma vez, ao primeiro capítulo do romance e à idéia de Silviano da solução pela supressão da vida como forma de escapar à estupidez de viver em constante conflito, e é expressa por Belmiro em termos como “*A vida se encolhe*”, “*A verdade está na rua Erê*” (títulos de capítulos) e “*a vida parou e nada há mais por escrever*”,

um trecho do último capítulo. Fazer a opção por esse isolamento olímpico é uma espécie de sentença de morte para a condição intelectual de Belmiro e para a possibilidade de ele vir um dia a tomar consciência de si mesmo em relação ao mundo, em termos ideológico-políticos mas também históricos.

Antônio Cândido, também, reconhece a existência de uma ideologia em *O Amanuense Belmiro*, apesar de seu deslocamento dos romances de 30: segundo ele, nessa época a preocupação de discutir a pertinência dos temas e das atitudes ideológicas era o mais marcante, “*quase ninguém percebendo como uma coisa e outra dependem da elaboração formal (estrutural e estilística), chave do acerto em arte e literatura.*” E pouco depois, na mesma página, acrescenta que nesse período não foram devidamente reconhecidas “*certas obras de fatura requintada, mas desprovidas de ideologia ostensiva, como Os Ratos, de Dionélio Machado (1935) ou O Amanuense Belmiro, de Ciro dos Anjos (1937).*” (Cândido, 1984, pág. 36)

A ideologia não é ostensiva, mas está lá; a opção por não agir de Belmiro é a resposta que ele dá às situações. Esse mesmo mundo sobre o qual ele pensa tão pouco aparece profundamente internalizado nele; em virtude desse deixar-se levar pelas situações, sem se opor nem concordar entusiasticamente com as práticas clientelistas ele acaba agindo em conformidade com o que foi aqui mencionado sobre seu tempo, ou seja, obtendo vantagens pessoais ao efetuar tais práticas.

É em decorrência de uma ideologia conservadora que o lirismo e a sensibilidade cordial são possíveis no amanuense (cf. Schwarz, 1978, pág. 20). O que muda na trajetória do interior para a cidade grande são as situações que se apresentam, e não a resposta dada a elas. É isso o que permite que Silviano, mais uma vez descobrindo Belmiro para o leitor, o chame pelo nome do avô, Porfírio: embora Belmiro se considere um “Borba errado”, não há uma diferença tão grande na forma de reagir às situações dele, de seu pai e de seu avô. E, já que mencionamos novamente a relação entre Belmiro e Silviano, vale a pena comentar que o próprio protagonista parece perceber essa sua proximidade com o amigo: “*A vida dos amigos apenas se me revelou quando incidiu na minha. Jamais entrei nos seus domínios íntimos, e, se mergulhei em Silviano, foi porque nele encontrei possíveis itinerários para as minhas incertezas.*” (Anjos, 1989, pág. 171)

E parece perceber, também, a lógica da própria trajetória:

*Quanto a mim, se há algo de que me ache firmemente convencido é ter neste **bureau** um destino lógico, que, no fundo, não me contrista. Mal posso, na*

verdade, conter um movimento de ternura, quando contemplo, ao pôr do sol, o edifício grave, acolhedor, de nossa Secretaria, e quando me lembro da promessa honrada, que nos faz o Estado, de uma aposentadoria condigna (Anjos, 1989, pág.29)

Aqui surge, mais uma vez, uma relação muito mais sentimental que racional com o emprego público, na imagem do próprio edifício da Secretaria. Nem poderia ser diferente, pois todo o seu percurso para obter o cargo de amanuense e, depois, no exercício desse cargo se deu através de critérios pessoais. Belmiro pode ser considerado um exemplo da continuidade político-social no país de modo geral, e na administração pública em particular, já que embora os tempos sejam outros, embora o país esteja se urbanizando e industrializando, há nele, como havia em seu avô, essa predominância do privado sobre o público, e do pessoal sobre o racional.

Além disso, a idéia de um destino lógico como funcionário público, que não contrista justamente porque não contrasta, é a chave para entender o papel crucial que esse emprego desempenha no lirismo belmiriano: como as transformações não são radicais, não há tragicidade no romance; é a obtenção e o dia-a-dia de um emprego que talvez seja o menos urbano da cidade que o fazem olhar com carinho para ele e se exprimir dessa forma. O mundo de Belmiro está, de fato, ruindo; já se vêem as rachaduras nas paredes. Mas essa ruptura é lenta o bastante para permitir-lhe um modesto emprego de amanuense, e para conduzir não ao desespero, mas a um lirismo melancólico.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, Cyro dos **O Amanuense Belmiro**. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989 [1937].
- CAMARGO, Luís Gonçalves Bueno de **Uma história do romance brasileiro de 30**. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária), Universidade Estadual de Campinas, 2001.
- CÂNDIDO, Antônio A Revolução de 1930 e a Cultura. *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo: Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, v. 2, n. 4, 1984, p. 27 – 36.
- LAFETÁ, João Luiz À sombra das moças em flor: uma leitura do romance “O Amanuense Belmiro”, de Cyro dos Anjos IN: LAFETÁ, João Luiz (PRADO, Antonio Arnoni: org.) **A Dimensão da Noite e outros ensaios**. São Paulo: Duas Cidades e Ed. 34, 2004.
- LUKÁCS, Georg **A Teoria do Romance**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000 [1920].
- LIMA BARRETO, Afonso Henriques de **Impressões de Leitura – Crítica**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961.
- SCHWARZ, Roberto **O Pai de Família e Outros Estudos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.